

Rebelião de médicos. Contra os convênios.

Para atender um paciente de convênio em seu consultório, um médico ganha Cr\$ 1.918,50, enquanto o barbeiro da esquina cobra no mínimo Cr\$ 2.500,00 por um corte de cabelo. Por essas e outras é que, amanhã, o presidente da Associação Médica Brasileira, Antonio Celso Nunes Nassif, e outros líderes da categoria, vão a Brasília entregar documento à ministra Zélia Cardoso de Melo onde denunciavam essa "situação de descalabro" e pedem o descongelamento dos honorários médicos.

No Dia Nacional de Mobilização da Categoria Médica, que se comemora amanhã, eles estão dispostos a brigar não só por salários mais justos mas também por melhores condições de trabalho, instalações e equipamentos nos postos de atendimento. Por remuneração adequada dos convênios e das consultas particulares. Dizem que, em hipótese alguma, aceitarão índices impostos pelo governo e, caso não sejam atendidos, vão simplesmente se descredenciar. Todos eles. Ou não aceitar mais as guias. Nesse caso, o paciente teria de pagar a consulta e ir buscar o reembolso no convênio.

A AMB quer voltar a ter a autonomia que sempre teve para fixar honorários para os médicos. Segundo Nassif, a tabela baixada pelo governo tornou-se absolutamente insustentável diante dos custos operacionais em consultórios e da alta responsabilidade do trabalho médico. "É impossível

continuar recebendo, por exemplo, Cr\$ 1.918,50 por uma consulta, Cr\$ 1.151,00 por um hemograma completo ou Cr\$ 15.348,00 por uma cirurgia de apendicite".

Isso é o que recebem dos convênios. Poderia ser mais, se a negociação fosse feita diretamente

entre o médico e a empresa. Alegam que as prestadoras de assistência médica arranjam jeitinhos de se virar, fazer a "maquiagem" tão usada em tempos de congelamento. Por exemplo: acabar com um plano de saúde e iniciar outro, naturalmente com prestações mais altas. Já os médicos, mesmo

com as consultas congeladas — como todos os outros trabalhadores do País —, também foram vítima do "tarifaço", ou seja, o aumento do preço da água, luz, telefone.

Desse jeito — alerta Antonio Celso Nassif —, muitos profissionais, sobretudo os mais qualifica-

dos, deixarão de atender os convênios e os que permanecerem receberão honorários vis, incompatíveis com o exercício profissional da medicina. "Será a inviabilização quantitativa e qualitativa do sistema", diz, no sombrio prognóstico que entregará à ministra.

Pior ainda é o que recebe o

médico credenciado do Inamps — cr\$ 585,00 por consulta — para atender em seu consultório, com toda uma infra-estrutura que ele próprio montou. Nas consultas particulares o preço varia de profissional para profissional, dependendo do nível de qualificação, da quantidade de cursos de especialização feitos no Exterior.

Além de brigar pelo preço das consultas particulares e de convênios, a Associação Médica Brasileira também pedirá aos ministros da Economia e da Saúde a reestruturação da tabela de honorários do Inamps. Apesar do aumento de 95%, dado em maio (o que fez a consulta passar para os míseros Cr\$ 585,00), está cheia de incorreções. Alguns procedimentos, como alguns tipos de raios-X, estão em ótima situação, outros em péssima. Caso da consulta, o primeiro ato médico — que, se devidamente valorizado, pode ajudar a reduzir as filas.

Há cinco anos, o Inamps tinha 70 mil médicos credenciados para atender nos consultórios particulares. Hoje são 20 mil. Essa evasão ocorreu, segundo Antonio Celso Nassif, porque "ninguém quer pagar para trabalhar". Daí, se o médico não atende no consultório, corre todo mundo para a fila do posto do Inamps. Mas se o Inamps paga melhor, os médicos voltam a se credenciar, as filas diminuem e o atendimento melhora.

Rosa Bastos



Arquivo/AE

Há cinco anos havia 70 mil médicos credenciados pelo Inamps. Hoje eles são só 20 mil: "Pagar para trabalhar."